

The image features a dark red background with a diagonal line running from the top-left to the bottom-right. In the upper-left quadrant, there is a cluster of overlapping circles in various shades of orange, red, and yellow. The text is positioned in the lower-right quadrant, below the diagonal line.

**CARTA DE**  
**SÃO PAULO**  
*políticas públicas de*  
*cultura e extensão*  
*universitária*

# **CARTA DE SÃO PAULO**

*políticas públicas de  
cultura e extensão  
universitária*

*aprovada em 24 de setembro  
de 2010, durante plenária de  
encerramento do Seminário  
ProExt Cultura SP, no  
auditório da Faculdade de  
Economia, Administração  
e Contabilidade da  
Universidade de São Paulo*

## **I. Introdução**

*Entre as suas congêneres no Brasil, a Universidade de São Paulo distingue-se por abrigar em único organismo acadêmico as ações de cultura e extensão, reunindo-as em um mesmo complexo decisório. Tal conjunção especial requer refletir sobre as formas desse enlace, sobretudo por se tratar de dois setores dotados per se de complexidade invulgar e, comumente, concebidos como possuindo matérias divergentes. As disposições dos acadêmicos em relação a esses domínios são, por esses motivos, desencontradas, perfazendo amplo leque de entendimentos e desentendimentos, inibindo, por fim, a construção de iniciativas solidárias.*

*Finalmente, é reconhecível no meio a presença de juízos distorcidos a respeito do caráter substancial das áreas da cultura e da extensão nas universidades, reveladores de percepções deslocadas sobre o caráter indispensável desse enleio. Parte-se do princípio de que cultura e extensão portam naturezas independentes, cuja ligação é extemporânea, quando não artificial: embora importantes, são pensadas como possuindo vocação intrínseca à efemeridade. Sem considerar o engano de tais posições, que medram no terreno da incompreensão sobre a dinâmica do processo civilizador moderno, vivemos tempos de centralidade da dimensão cultural, que exerce verdadeiro papel de colonizar e redefinir a vida cotidiana nas sociedades contemporâneas (utiliza-se a noção de processo civilizador na acepção de Norbert Elias, 1990).*

*Posta a questão nesses termos, é fundamental tratar, analogamente, da dimensão central adquirida pela ciência experimental, perceptível tanto na presença marcante em notícias divulgadas nos veículos de informação, quanto e, sobretudo, nas concepções que grassam no ambiente das universidades. Sustentada como a parceira por excelência da chamada sociedade do conhecimento, noção corrente nos tempos atuais, esquece-se que a ciência é produto de significados que se sedimentaram na cultura contemporânea, como fruto de um tecido simbólico que acentuou uma das dimensões presentes no movimento de racionalização e intelectualização moderna: a sua face prática ou*

*instrumental*<sup>1</sup>. Ou, segundo as formulações originárias de Max Weber, a crença, isto é, a convicção de que a humanidade pode, em princípio, dominar o mundo por meio do cálculo, podendo potencialmente controlar todos os problemas. Em suma, a fé de que a ciência produz o caminho inexorável para o progresso e é capaz de responder aos grandes desafios da existência, promovendo uma espécie de elisão do fato de que ela própria é resultado da intelectualização do mundo. “Isso significa que o mundo foi desencantado. Já não precisamos recorrer aos meios mágicos para dominar ou implorar os espíritos... Os meios técnicos e os cálculos realizam o serviço” (Cf. Weber, 1971, p. 165). A partir daí, o conhecimento científico foi-se desprendendo formalmente da cultura, confundindo desligamento aparente com processo real.

Mas a disjuntiva estabelecida entre ciência e cultura, entre arte e conhecimento, por não ter fundamento histórico, uma vez que compartilharam origem comum, não pode ser efetivamente sustentada. Em essência, tanto o domínio científico desenvolveu-se no Ocidente na esteira das mudanças profundas ocorridas na esfera cultural, acentuadas a partir do século XVIII, quanto as linguagens da cultura não eram independentes dos avanços da ciência, a exemplo da invenção da perspectiva na pintura. Hodiernamente, a exploração da tecnologia na feitura das chamadas artes virtuais é paradigmática da intimidade entre as duas áreas, a despeito da especialização característica presente em todos os domínios da produção intelectual e científica.

O problema decisivo, todavia, refere-se ao fato de que à segmentação correspondeu a construção de juízos sobre a validade e superioridade das várias competências, produzindo, muitas vezes, avaliações embasadas não em critérios de reconhecimento das diferenças, mas em raciocínios afirmadores de desigualdades. (Cf. Bourdieu, 1989). Nesse percurso de negação de parte do legado moderno, esfacelou-se a sua própria herança, redundando em conseqüente precariedade, cujo desdobramento desembocou numa aceção predominantemente técnica de ciência e

---

1 Sobre a noção de sociedade do conhecimento: Touraine, Alain. *La société post-industrielle*. Paris, Denoël/Gonthier, 1969; Stehr, Nico. *Knowledge societies*. Londres, Sage, 1994. Sobre a racionalidade instrumental: Adorno, T. W., e Horkheimer, M. *Dialectica del iluminismo*. Buenos Aires, Sur, 1970).

*numa cultura aprisionada por mecanismos de mercado: a primeira amesquinhou-se na condição de pura técnica de controle; a segunda, depreciou-se ao se ver impotente para preservar a autonomia.*

*No transcurso da história, os elos que prendiam a ciência e a cultura na emergência da era moderna e que lhes conferiam dignidade de origem desataram-se, permitindo-lhes seguir por vias divergentes. Retomar esses liames implica pensar a ciência “quer como uma componente da cultura entre outras, bastante diversificadas (como as culturas artística, literária, filosófica, jurídica, política, religiosa, midiática, etc), quer como uma componente da cultura com especificidades bastante próprias, no panorama social atual” (Costa, et alii, 2007, p. 63). Desse modo, cultura e ciência podem retercer as suas ligações ab initio, dividindo uma longa e indefinida fronteira, em que nenhum dos dois polos é capaz de monopolizar o terreno das possibilidades de elucidação do mundo.*

*As tensões e oposições advindas de uma noção homogênea de ciência, que acabou por migrar das disciplinas da natureza, montam, no entanto, nova armadilha, originada na descon sideração da existência de regimes próprios de conhecimento. Compreensões de tal ordem desembocam, paradoxalmente, no fetichismo da ciência por ignorar a variedade da vida humana. Finalmente, se está frente ao fetichismo da própria cultura, na medida em que se exclui o caráter social de toda e qualquer produção humana, encerrada na categoria de pensamento unitário e autocrizado. “Como se o único só pudesse se defrontar com outro único e não com a multiplicidade” (Cunha, 2009, p. 364).*

*Resulta daí notável empobrecimento do campo científico, pois se lhe retira a riqueza das fontes que o nutrem, mormente quando se lhe rasuram as formas de entendimento inerentes a cada época, das quais as visões unitárias são tributárias. As concepções de ciência infensa à história e em evolução inexorável ancoram-se em visões finalistas e repetitivas da vida, como se caminhássemos para um fim comum, seguindo objetivos já determinados; mesmo a natureza, como sabemos, detem múltiplas possibilidades de direção. Por essa razão, o desconhecimento do múltiplo e do diverso é aparentado das construções míticas, encobertas por crenças e explicações promanadas de falsos juízos, exatamente o tipo de operação que a ciência pretendeu escoimar.*

*Rigorosamente falando, as sociedades convivem com “corpos de conhecimentos distintos e singulares: ordens do saber, muito frequentemente impostas a fragmentos e obras de representações díspares. A marca de uma ideologia é uma espécie de inércia do discurso: um padrão fixo de imagens e crença, uma sintaxe que parece obrigatória, um conjunto de modos permitidos de ver e dizer; cada uma com a própria estrutura de ocultamento e revelação, os próprios horizontes, o meio de fornecer certas percepções e tornar outras impensáveis, aberrantes ou extremas” (Clark T. J., 2007, p. 41).*

*É de se surpreender, por isso, que inclusive nas universidades, instituições comprometidas com concepções ilustradas, possam germinar enganos desse gênero, quando verdades circunscritas assumem a condição de única e legítima modalidade de saber. No que diz respeito à cultura e extensão universitárias desenvolvidas, sobretudo, nas instituições públicas, o domínio das representações particulares aos procedimentos das ciências experimentais sobre o conjunto acaba por dificultar, por vezes impedir, a percepção do alcance e importância das ações implementadas. Em larga medida, as dificuldades de entendimento dessas ações derivam do caráter que as conforma, que se define por ultrapassar os limites exclusivamente disciplinares, por não se submeter às experimentações controladas em ambientes preparados para tal finalidade. A amplitude dos fenômenos da cultura escapa, assim, às circunscrições determinadas; o significado da extensão perde-se em meio à necessidade de outros requerimentos como os da formação dos estudantes nos níveis de graduação e de pós-graduação, do aparelhamento das condições da pesquisa. A extensão acaba sendo identificada com simples difusão e não com a modalidade de compartilhar os avanços do conhecimento e a pesquisa.*

*Tendo em vista que só se pode caracterizar um fenômeno quando o inserimos num todo abrangente do qual retira seu significado, refletir sobre as iniciativas implementadas no campo da cultura e da extensão obriga a categorizá-las em meio à teia de relações da qual são parte e se articulam no todo, preservando, porém, personalidade própria. É nesse terreno inseguro e incerto que se alojam as iniciativas da área. No entanto, como bem aconselha a boa teoria, quanto mais abrangente e variado é um campo, maior a necessidade de construir procedimentos rigoro-*

*sos, uma vez que o seu fechamento rompe com a sua natureza intrínseca. Reversivamente, quanto mais variadas e díspares são as ações empreendidas, mais necessário se torna buscar-lhes um repositório de sentidos comuns, sob pena de se dispersarem no emaranhado caótico das iniciativas contraproducentes. A questão que se põe não é, desse modo, trivial, pois refere-se à tentativa de conciliar rigor e abrangência; identidade de propósitos e variedade; conceituação e multiplicidade de sentidos. Limitar a compreensão obriga ao fechamento do “discurso à consciência de si mesmo como produção, como processo, como prática, como substância e contingência” (Idem, p. 42). Dito de outro modo, o constrangimento das fronteiras violenta o contínuo movimento de construção dos significados atribuídos pelas ações humanas no curso da história, dissolvendo a criação nas teias da imutabilidade, por transformar a contingência em natureza, à semelhança das construções míticas. Em consequência, a afirmação de um único regime de verdade tem o condão de alçar os seus praticantes ao patamar de seres superiores e distintos do conjunto, desumanizando-os por separá-los da vivência contingente a que todos os seres estão sujeitos.*

## **II. Conceituação**

*A primeira exigência de toda e qualquer tentativa de construir categorias capazes de cristalizar fenômenos complexos, como no caso, é estabelecer os critérios da forma mais inequívoca possível. Primeiramente, é necessário revisitar o que é sobejamente conhecido: A prática científica pressupõe um elenco de conhecimentos assentados, instituições e pesquisadores e, nela, as universidades possuem, hoje, papel proeminente. “A ciência é hoje uma das instituições centrais da sociedade, e a cultura científica constitui uma das componentes fundamentais da cultura contemporânea” (Costa, 2007, p. 70). As iniciativas de cultura também ocorrem, fundamentalmente, no âmbito das instituições, porém, nem sempre acontecem no interior das organizações universitárias; as universidades, no entanto, são os principais órgãos de formação dos agentes envolvidos com a cultura. Finalmente, permeiam a academia concepções sobre a separação entre ciência e cultura, a*

*despeito do fato de a própria importância da ciência ser tributária da conformação cultural contemporânea.*

*Outros requisitos surgem como essenciais no trabalho de categorização. É imprescindível atentar para a particularidade desse enlace ciência-cultura nos quadros das universidades. Dito de outra maneira, essas instituições, na sua aceção completa, até podem prescindir de organismos específicos de cultura, mas, do mesmo modo, não podem dispensar quer a formação estudantil e a produção científica, quer a existência de uma vida intelectual pujante e solidamente enraizada. O avanço do conhecimento é processo de permanente inquirição, o que exige um contínuo movimento de descobertas e de atitudes de inconformidade perante o estabelecido. Vale dizer: não há descobertas significativas sem assentamento crítico e este não se completa sem indagações sobre o existente; o modo pelo qual questionamos o existente é informado pela cultura prevalecente; da mesma forma que as imagens construídas são elas próprias reveladoras do mundo (Cf. Wittgenstein, 1996, p. 16).*

*Daí deriva que, se a aliança entre cultura e ciência é inexorável, quando uma universidade é capaz de aliar os dois elementos nas ações que desenvolve ela se torna uma instituição mais complexa. Especialmente porque em qualquer dos campos considerados lhes é intrínseca a disposição crítica, sob pena de as atividades se conformarem à pura reprodução do já conhecido. Caberia, então, perguntar sobre a pertinência das atividades de cultura e extensão serem desenvolvidas em universidades. As dificuldades do enlace cultura e extensão, se são derivações de compreensões empobrecidas da própria ciência, como salientamos, amplificam-se tendo em vista a identificação das atividades extrovertidas como perfunctórias, assistencialistas, de mera prestação de serviços à sociedade e ao poder público por meio do atendimento de demandas. Esta é, de fato, a questão fulcral.*

*O problema fundamental pode ser equacionado de outro ângulo e refere-se ao princípio mesmo que orienta a vida acadêmica. Em instituições como a Universidade de São Paulo – que propugna pela relação íntima entre ensino-pesquisa – a extensão não pode se confundir com nenhum dos sentidos acima arrolados. Se, de fato, as ações de extensão – que abrigam atividades em todos os setores – possuem uma vocação de difusão e são parceiras dos*

*atos educativos, independentemente do objetivo que pretendam cumprir, não há como realizá-los, caso sejam desconectados dos atributos inerentes que definem a vida universitária. Dito de outro modo, a universidade precisa oferecer alternativas à tendência hegemônica de mercantilização da cultura e, ipso facto, da ciência, sob pena de ocupar lugar correlato ao de outras agências, públicas ou privadas, que são animadas por orientações diversas. Com a ampliação e desenvolvimento do mercado de cultura e ciência ampliou-se consideravelmente o número de agentes envolvidos com a circulação e difusão desses bens, como se depreende do volume de recursos e de formação de riqueza produzidos por esse nicho de mercado. Apenas o segmento do mercado das artes, no Brasil, deve gerar, neste ano, mais de 200 milhões de reais (Cf: FSP, “Mercado”, B1, 17/09/2010).*

*O dilema da área de cultura e extensão resulta, pois, da dificuldade de pensá-la para além da estreita divulgação e da simples prestação de serviços e de atendimento de demandas, mas, em especial, da necessidade de distingui-la do domínio do mercado. Tarefa difícil em função do caráter dominante do sistema de indústria cultural. Em tal cenário, as atividades tornam-se presas fáceis de requerimentos de vária ordem, vendo desfiguradas as intenções que constituíram a cultura das universidades, com os seus corpos de crenças próprios e mecanismos inerentes de reconhecimento e legitimações.*

*O terreno, por essa razão, é movediço, implica superar concepções assentadas e assumidas como verdades inquestionáveis; implica ainda, e acima de tudo, ultrapassar afirmações que, de tão repetidas, esvaziaram-se, perderam a sua substância, como a famigerada assertiva que ata ensino, pesquisa e extensão. De tão repetida, a ideia desgastou-se, virou um mote que já não mais inquire, não ultrapassando a condição de ser apenas profissão de fé, de crença que não informa a ação, simples atavio que não mais surpreende.*

*O enlace ensino, pesquisa, extensão não pode, apesar de tudo, ser escoimado. Mas a sua revivescência reclama outra disposição de espírito, requer, especialmente, desenvolver critérios capazes de definir relevâncias; de embasar as decisões em julgamentos de mérito; oferecer à sociedade possibilidade de compartilhar os avanços alcançados; circunscrever prioridades; enfim, ser*

*capaz de romper a inércia rotineira da reprodução do mesmo.*

*A área da cultura e da extensão deve se orientar, em suma, por uma visão pública das atividades que implementa, resguardando-se, todavia, das apropriações circunstanciais de suas ações. Por se tratar de instituições públicas, as universidades estão envolvidas por compromissos republicanos. A condição mesma desse exercício é a de se construir pontes com a sociedade que não suprimam a essência de sua identidade formada no axioma do conhecimento, sem o qual as ações extrovertidas não se diferenciariam de todas as outras que pululam nas sociedades contemporâneas e se perderiam em meio a inúmeras iniciativas aparentemente assemelhadas. Por fim, a universidade não cumpriria o papel de formar cidadãos para o mundo em movimento, caso não democratize e difunda o acesso à cultura, êmulo da ultrapassagem das profundas desigualdades sociais.*

*A condição mesma de realização de tal desafio passa, de forma incontornável, pela própria transformação da cultura instalada nas universidades. Transita, muito especialmente, pela pavimentação de novos caminhos, construídos na solidez de princípios com força para animar e dilatar as ações de cultura e extensão nas universidades públicas brasileiras.*

### **III. Propostas**

- 1. A manutenção e a realização da democracia na sociedade brasileira demandam a discussão da cultura nos seus mais variados âmbitos. Nos dias atuais, esse debate pode ser ampliado, abrangendo parcelas significativas da sociedade, pela incorporação das modernas tecnologias de comunicação.*
- 2. A universidade pública, pelos compromissos com o saber e com os desafios da sociedade em todos os seus aspectos, possui competência para propor políticas públicas de cultura e extensão.*
- 3. O estabelecimento de políticas públicas de cultura e extensão pressupõe constante diálogo com a sociedade, transformando-as em políticas de Estado. É fundamental a de-*

*finição de políticas públicas de curto, médio e longo prazos, que envolvam apoio institucional ao desenvolvimento de projetos, formas permanentes de financiamento, avaliações periódicas e sincronia com as tecnologias de comunicação.*

*4. A extensão nas universidades públicas pode ensejar processos de superação da fragmentação de campos disciplinares que o cotidiano da sala de aula mantém separados. A extensão pressupõe experiências multi, inter e transdisciplinares de formação e de produção de conhecimentos, articulando teorias, práticas e realidades sociais mais imediatas.*

*5. É necessária a criação de mecanismos de extensão que promovam a interação entre o saber produzido nas universidades públicas e a sociedade, bem como de diretrizes governamentais, em seus diferentes níveis, que privilegiem a irradiação da cultura, possibilitando a formação continuada dos cidadãos.*

*6. Os debates e conteúdos veiculados durante o transcorrer do Seminário PROEXT revelaram que, a despeito de iniciativas meritórias e dos projetos desenvolvidos nesse âmbito pelas universidades públicas, há ainda um longo caminho a percorrer do ponto de vista da compreensão das complexas implicações da cultura e da extensão na universidade, bem como o adequado reconhecimento de sua importância pelos agentes públicos, pela sociedade de modo geral e pelos segmentos que compõem as próprias universidades.*

*7. No presente momento, diante da emergência de novos atores sociais e de demandas culturais abrangentes, múltiplas e inéditas, a universidade pública precisa abrir-se na superação de barreiras herdadas pela tradição, devendo acolher as mais diversificadas manifestações da cultura, propiciando condições para o respeito e tolerância às diferenças.*

*8. A universidade pública exerce papel estratégico na formação de cidadãos entendidos como produtores, agentes e críticos da cultura, auxiliando no questionamento de sua relação imediata com a sociedade.*

9. *A plenária final louva a parceria entre a USP e o Ministério da Cultura que, por intermédio do primeiro Edital Paulista de Cultura e Extensão Universitária, possibilitou a realização do Seminário PROEXT Cultura SP: políticas públicas de cultura e extensão universitária, no qual foram discutidas questões da maior relevância para o desenvolvimento da educação e da cultura brasileiras. Os principais pontos discutidos aqui são: criação de uma política de fomento específico para a extensão universitária; valorização da extensão universitária no currículo acadêmico; mudar o marco legal da extensão universitária de forma que os grupos culturais sejam reconhecidos como parceiros relevantes na prática da extensão; criar condições institucionais para que as universidades públicas apoiem a extensão universitária.*

10. *Cria-se o Fórum Paulista de Cultura e Extensão Universitária, composto por professores, funcionários, estudantes e representantes comunitários, que fará seu primeiro encontro em data a ser marcada pela comissão organizadora. Fica a cargo do PROEXT CULTURA SP organizar esta primeira reunião.*

*São Paulo, 24 de setembro de 2010.*

## **Bibliografia**

Arruda, Maria Arminda do Nascimento. "A sociologia da cultura: interpretações e reconstruções" In: *Cultura múltiplas leituras, Paulo César Borges (Org.). Bauru, Edusc/Ufba, 2010.*

Auerbach, Eric. *Mimesis: a representação da realidade na literatura universal. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1976.*

Bourdieu, Pierre. "Sobre o poder simbólico" In: *O poder simbólico. Lisboa, Difel, 1989.*

\_\_\_\_\_. "A cultura está em perigo". In: *Contrafogos 2; Por um movimento social europeu. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.*

Clark, T. J. *Paris na arte de Manet e de seus seguidores. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.*

\_\_\_\_\_. *Modernismos. Ensaio sobre política, história e teoria da arte. São Paulo, Cosacnaify, 2007.*

Costa, António Firmino; Conceição, Cristina Palma; Ávila, Patrícia. "Cultura científica e modos de relação com a ciência". In: *Sociedade e conhecimento. Portugal no contexto europeu, Vol. II, Lisboa, Celta, 2007.*

Cunha, Manuela Carneiro da. *Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo, Cosacnaify, 2009.*

Elias, Norbert. *O processo civilizador. Uma história dos costumes. 2 vol. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.*

Folha de São Paulo "Mercado", B1, 17 de setembro de 2010.

Gay, Peter. *Modernismo. O fascínio da heresia de Baudelaire a Beckett e mais um pouco. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.*

Weber, Max. "A ciência como vocação". In: *Ensaio de sociologia. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1971.*

Wittgenstein, Ludwig. *Introdução. Tractatus-logico-philosophicus. São Paulo, Edusp, 1996.*

## **MINISTÉRIO DA CULTURA**

Juca Ferreira  
*Ministro da Cultura*  
José Luis Herência  
*Secretário de Políticas Culturais*  
Marcio Pozzer  
*Coordenador do ProExt Cultura SP*

## **UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

João Grandino Rodas  
*Reitor*  
Hélio Nogueira da Cruz  
*Vice-reitor*  
Maria Arminda do Nascimento Arruda  
*Pró-reitora de Cultura e Extensão Universitária*  
José Ricardo de Carvalho Mesquita Ayres  
*Pró-reitor Adjunto de Extensão Universitária*

## **PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

Esmeralda Vailati Negrão  
*Assessora Técnica de Gabinete*  
José Clóvis de Medeiros Lima  
*Assessor Técnico de Gabinete*  
Cecílio de Souza  
*Assistente Técnico do Gabinete*  
Eduardo Alves  
*Assistente Técnico do Gabinete*  
Juliana Maria Costa  
*Diretora de Ação Cultural*  
Sandra Lara  
*Diretora Acadêmica*  
Valdir Previde  
*Diretor Administrativo e Financeiro*

### ***Comissão Organizadora***

Agnieszka Joanna Pawlicka Maule (IQSC), Cecília Helena Lorenzini de Salles Oliveira (MP), Cristiano Roque Antunes Barreira (EEFERP), Eduardo Tessari Coutinho (ECA e Programa Nascente), José Ricardo de Carvalho Mesquita Ayres (FM), Kátia Rubio (EEFE), Meire Cachioni (EACH), Namie Okino Sawada (EERP), Neli Marisa Azevedo Silva (FZEA), Rubens Beçak (Secretário Geral) e Sérgio Muniz Oliva Filho (IME)

### ***Expediente***

Evania Maria Guilhon e Sá e Vitor Borysow (edição e diagramação)  
Uibirá Barelli (identidade visual)

